<https://doi.org/10.4322/978-65-86819-10-6.a07>

Meio geográfico, cidade e psicoesfera: da pandemia à sindemia global da Covid-19¹

Silvana Cristina da Silva^a, Gabrielle Lorena Gomes da Silva^b, Jenyffer Vidal Oliveira^c, Renata Hilel Ribeiro^d

^a Departamento de Geografia, Programa de Pós-graduação em Geografia UFF/Campos dos Goytacazes. E-mail: silvanasilva@id.uff.br

^b Curso de Geografia da UFF/Campos dos Goytacazes. E-mail: gabriellelorena@id.uff.br

^c Programa de Pós-graduação em Geografia UFF/Campos dos Goytacazes. E-mail: jenyffervidal@gmail.com

^d Programa de Pós-graduação em Geografia UFF/Campos dos Goytacazes. E-mail: renatahilel@id.uff.br

Introdução

O enfrentamento da pandemia causada pelo novo coronavírus trouxe medidas de isolamento social e muitas normatizações para regular as sociabilidades urbanas, gerando muitos conflitos em razão das exigências por mudanças aceleradas dos comportamentos no cotidiano das cidades. Assim, além das frentes de combate que procuram o tratamento adequado aos pacientes infectados e a busca de vacinas eficazes contra a Covid-19, o combate à disseminação da doença envolve outra linha de frente, a que abarca as questões das mudanças dos comportamentos, dos hábitos, do modo de vida nas cidades e do meio geográfico.

Um ano após o decreto de pandemia da Covid-19², tais questões se tornam salutaras. Notificações de festas clandestinas, aglomerações em praias e em shoppings, conflitos

¹ Este texto resulta do Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão intitulado “Espaço urbano e a pandemia da COVID-19: conflitos e mudanças das sociabilidades urbanas”, financiado pelo Edital PROPPI - PROGRAD - PROEX N° 04/2020/UFF 2020, por meio de bolsas concedidas às estudantes participantes do projeto.

² Este texto foi finalizado no momento em que completamos um ano do decreto da pandemia e quando o Brasil bateu o recorde do número de mortes em um único dia. Em 26 de março de 2021, foram 3.650 mortes, acumulando 307.112 óbitos desde o início da pandemia. Informações disponíveis em: <https://covid.saude.gov.br/>. Nesse momento, os hospitais de quase todos os estados estão entrando em colapso, com UTIs atingindo 100% de ocupação e falta de medicamentos para intubação e profissionais de saúde.

constantes pelo não uso de máscaras em lugares públicos, em comércios e em áreas comuns em condomínios passaram a ser constantes, além de manifestações contra *lockdown*, que abarcam ainda as pressões dos comerciantes e empresários para manutenção das atividades econômicas.

Adicionalmente, a necessidade do trabalho de grande parte da população que não tem como se sustentar, se aderir ao confinamento, evidencia alguns dos sintomas de um processo complexo que a pandemia expôs e aprofundou, mas que tem sua origem no modo de produção, analisado aqui pelo meio geográfico.

Deste modo, fica claro que a pandemia do novo coronavírus, Covid-19, não pode ser examinada de maneira isolada do seu contexto, ou seja, além dos aspectos biológicos do vírus, é preciso considerar que ele encontra as condições históricas e geográficas para sua “origem” e sua acelerada difusão. O meio geográfico atual, denominado *técnico-científico-informacional* (SANTOS, 2002), é condicionante ativo da pandemia ao constituir-se por uma *tecnoesfera* – sistemas técnicos e redes de transporte e de comunicação mobilizadores de gigantescos fluxos de pessoas e informações – e por uma *psicoesfera* – sistema de pensamento, crenças, vontades e paixões (SANTOS, 1992), em que se fabricam as ações –, que transformaram o meio geográfico, ou seja, nosso meio de vida tornou-se mais suscetível a determinadas doenças.

A cidade é a síntese mais bem-acabada desse meio geográfico, uma vez que condensa os sistemas técnicos e expressa a consciência e a inconsciência societária. O modo de vida urbano e as sociabilidades características do período concretizam o meio técnico-científico-informacional. Mais recentemente, as cidades evidenciam como o neoliberalismo reverberou, nas formas, as normas e os comportamentos. O coronavírus encontrou países que privatizaram seus respectivos sistemas de saúde ou cortaram os orçamentos para serviços de atendimento à população. Há ainda um processo de privatização do espaço urbano. Além disso, o modo de vida estressante e a alimentação à base de ultraprocessados contribuem para crescimento de doenças. Assim, a pandemia do coronavírus encontra outras epidemias, como da obesidade, da desnutrição e das mudanças climáticas (CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS, 2019)³. Outrossim, o neoliberalismo produziu um sistema de pensamento que radicalizou o individualismo.

Nesse sentido, realizamos neste texto reflexões sobre a importância da *psicoesfera* (CARVALHO, 1945; SANTOS, 1988, 1992, 2002, 2008; KAHIL, 1997, 2010) como componente promotor da difusão do coronavírus. Partimos da ideia de que estamos vivendo uma sindemia global da Covid-19, e não apenas uma pandemia (HORTON, 2020), uma vez que vários níveis sinérgicos (biológicos, psicossociais, socioeconômicos etc.) e epidêmicos se encontram e potencializam o contágio, bem como amplificam a letalidade pela Covid-19 em determinados grupos e classes sociais e lugares. A partir do olhar do campo geográfico, apropriamo-nos do conceito de sindemia (SINGER; CLAIR, 2003; LANCET, 2017) e temos como hipótese que a *psicoesfera* é um elemento sinérgico que pode arrefecer ou agravar a transmissão do vírus ou mesmo piorar as condições dos infectados.

Para tais objetivos, este texto se divide em três seções. A primeira, “Urbanização, modo de vida urbano e cidade: elementos da problemática”, aborda o processo de urbanização

³ Relatório da Comissão The Lancet. A sindemia global da obesidade, desnutrição e mudanças climáticas. 2019. Disponível em: https://alimentandopoliticas.org.br/wp-content/uploads/2019/08/idec-the_lancet-sumario_executivo-baixa.pdf. Acesso em: 25 mar. 2021.

capitalista e evidencia como as cidades catalisam o modo de vida urbano, que é parte da crise sanitária, e expressa o meio geográfico tecnificado, o qual é constitutivo da crise, que é societária, e não apenas sanitária. A segunda seção, “Pandemia, economia urbana e psicosfera neoliberal”, situa a questão do trabalho e o acirramento do neoliberalismo no Brasil, o que revela as principais vítimas da pandemia, os trabalhadores e trabalhadoras hiperprecarizados, que, antes de serem vítimas da pandemia, são vítimas do acirramento do neoliberalismo, o qual é entendido como uma racionalidade que se infiltra no corpo e na alma dos indivíduos. Por fim, a terceira seção, “Meio geográfico e psicosfera: da pandemia à sindemia global da Covid-19”, trabalha o conceito de psicosfera como parte da sindemia global da Covid-19, pois fica evidente que o sistema de crenças, desejos e afetos é um elemento definidor da exposição ao novo coronavírus e/ou agravamento das condições dos infectados.

Urbanização, modo de vida urbano e cidade: elementos da problemática

Após a declaração da pandemia do novo coronavírus (SAR-CoV-2), causador da Covid-19, pela Organização Mundial da Saúde (OMS)⁴, foram tomadas uma série de medidas recomendadas pela própria OMS para conter a disseminação da doença, entre as quais o isolamento social e a adoção do uso de máscaras em lugares públicos, que continuam sendo as mais polêmicas e igualmente transformadoras dos comportamentos e das sociabilidades urbanas (Figura 1). Entretanto, o novo coronavírus encontra uma sociedade urbana e conectada à economia globalizada, o que resultou em lugares cada vez mais dependentes das interações globais para realizar as atividades da vida quotidiana.

A intensa urbanização ocorrida no século XX, aprofundada nas décadas recentes do século XXI, expressa o modo de vida adotado por grande parte da humanidade, culminado na formação tendencial de sociedade urbana (LEFEBVRE, 1999). Em outras palavras, a vida com base em aglomerações urbanas e intensas trocas é uma realidade para grande parte da sociedade no mundo contemporâneo. Por um lado, houve avanços no saneamento e da medicina, que garantiram melhores expectativas de vida nas cidades. Por outro lado, a sociedade urbana, juntamente com o processo de globalização, fez com que o potencial de difusão de doenças se tornasse ainda mais potente e rápido. E esse foi o caso da difusão do novo coronavírus, um vírus que coloca no centro do debate a vida nas cidades e o processo de globalização.

Segundo George (1952), a cidade é um fato, menos desenvolvido em algumas civilizações no sul do continente africano, mas que porta uma enorme universalidade. O *fato urbano* procede de duas grandes séries de causas: da generalização das necessidades de reunir uma parte da população de um país em organismos, com funções específicas em quase

⁴ “A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (SAR-CoV-2) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia” (Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde, 2020). Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=87. Acesso em: 22 jul. 2020. Completamos um ano de pandemia com algumas vacinas aprovadas e com campanhas de vacinação em curso, mas com pouco avanço, especialmente no Brasil, onde o presidente da República negou as vacinas e foi contra todas as medidas de proteção sanitária, como isolamento social e uso de máscaras.

Figura 1 – Uso obrigatório de máscaras em clínica veterinária em Campinas/SP (18/03/2021). Legenda: O uso obrigatório de máscaras em comércio, serviços e lugares públicos é um “gesto de barreira” contra a transmissão do novo coronavírus, o que demandou a criação de legislações municipais e estaduais, além de mudanças de comportamentos, as quais são bastante conflituosas, especialmente causadora de atritos pelos grupos negacionistas da pandemia.

Fonte: foto tirada por Silvana Cristina da Silva (2021).

todas as civilizações, e, sobretudo, em razão da influência da economia capitalista, em que a cidade é o ponto de contato entre a economia industrial e comercial europeia ou americana e a economia nacional, e do desenvolvimento de indústrias, que atrai a concentração da população. Para o autor, as cidades nos países coloniais foram lugares das transações e das especulações. Apesar das desigualdades em termos de poder e das características de cada país, o fato urbano generalizou-se e, com ele, houve a generalização de um modo de vida.

Essas desigualdades são profundas nos países periféricos e semiperiféricos, e as cidades têm, como traço comum, um espaço urbano precário e carente de um sistema de infraestrutura, destacadamente nas periferias. O século XXI é aquele em que a cidade se consolida como o centro do modo de vida da sociedade contemporânea, e, com ele, a cidade condensa os problemas e as contradições do período.

A cidade no Brasil tem como característica a constituição de espaço urbano pautado na segregação socioespacial (CORRÊA, 1989; CALDEIRA, 2000; SPOSITO; GOÊS, 2013), cuja forma de habitar em condomínio é uma de suas expressões. O shopping center apresenta-se como uma nova forma do comércio na maioria das cidades, ainda que o comércio e os serviços de rua ainda persistam. Por fim, há o processo de periferização da habitação de grande parte das classes trabalhadoras de menor renda para áreas precárias e/ou distantes das áreas centrais (mais bem-dotadas de equipamentos de uso coletivo), no processo que Kowarick (1979) denominou espoliação urbana⁵. Por consequência, o transporte público coletivo tornou-se um ponto nevrálgico e de aumento das desigualdades nas cidades, pois a maioria da população passou a depender do transporte público coletivo para chegar ao trabalho, geralmente concentrado no centro das cidades ou áreas específicas, e para realizar suas atividades quotidianas. A adoção do transporte individual é proibitiva para grande parte da população ou acessível via endividamento, o que gera grandes disparidades entre classe média e elite com relação ao transporte urbano.

A cidade é, por definição, lugar da concentração, da aglomeração, do mercado e de intensas interações, sejam sociais, econômicas, culturais e socioespaciais. Como afirma Sennett (2018), as cidades como aglomerações compõem-se da *ville* e da *cit*. A primeira definida como *built environment* (ambiente constrido), e a segunda, como um tipo de conscincia (coletiva) do lugar, constituda por novas formas de viver coletivamente, a cidadania. Em outras palavras, trata-se de uma mentalidade, por isso a ideia de *ville* insuficiente. Assim, o autor reflete sobre a considerao da substncia humana que compe a *cit*, as multides. Ento, a cidade uma forma densa da substncia humana que se relaciona com a forma urbana.

Nesse sentido, Santos (2008) explica que o espao geogrfico composto por uma *tecnoesfera*, uma materialidade, e por um sistema de aoes, alimentado pela *psicoesfera*, isto , a tecnoesfera compe-se por um sistema de objetos e a psicoesfera faz referncia ao sistema de crenas, desejos, esperanas, hbitos, vontades que inspiram comportamentos filosficos e prticos (SANTOS, 1992). Ambos so indissociveis, mas a separao se faz necessria para fins analticos. A psicoesfera antecede a tecnoesfera, embora esta ltima seja a materializao da primeira e condicionadora dos comportamentos sociais. Dessa maneira, as medidas de isolamento e as novas exigncias de comportamento nos espaos pblicos e coletivos trouxeram conflitos e demandam ainda entendimento. Uma vez que a cidade possui uma forma, uma mentalidade, um esprito, as mudanas drsticas enfrentam a inrcia-dinmica da forma e, ao mesmo tempo, encontram um sistema de crenas, afetividades e hbitos que podem resistir s transformaes ou aceit-las mais facilmente a depender dos lugares, isto , a preservao da vida dos mais vulnerveis passa inexoravelmente pelas medidas de conteno da doena, que so concernentes tecnoesfera e psicoesfera.

Em resumo, diante desse contexto, a implementao do isolamento social, a recomendao e/ou a obrigatoriedade do uso de mscaras em lugares pblicos e de evitar as concentrao de pessoas, bem como medidas de distanciamento mnimo, colocaram em evidncia os problemas do modo de vida urbano diante de um vrus extremamente

⁵ O autor define a espoliao urbana como o processo de “somatria de extorses que se opera atravs da inexistncia ou precariedade dos servios de consumo coletivos que se apresentam como socialmente necessrios em relao aos nveis de subsistncia e que agudizam ainda mais a dilapidao que se realiza no mbito das relaes de trabalho” (p. 59).

contagioso, com conflitos que passam a ser vivenciados nos lares, bairros, condomínios, praças, comércios e colocam em xeque o modelo da cidade capitalista contemporânea, a qual é a condensação do meio geográfico, altamente permeado pela psicoesfera neoliberal.

Pandemia, economia urbana e psicoesfera neoliberal

As cenas do confinamento em massa em razão da pandemia da Covid-19 geraram imagens raras das cidades no mundo com ruas vazias e populações interagindo pelas janelas e varandas de suas respectivas residências. Novos sistemas de interações sociais foram acelerados, como sistemas de compras pela internet e por aplicativos (Figura 2). Esse talvez seja um dos aspectos mais radicais das mudanças impostas à vida urbana. Assim, coloca-se em evidência como o modo de vida urbano está sendo ameaçado pela pandemia e, ao mesmo tempo, como novas formas de exploração e acumulação surgem ou se aprofundam na crise sanitária.

A urbanização nos países periféricos apresenta como traço a extrema desigualdade e a pobreza urbana (SANTOS, 1965, 2003), que foram agravadas com as políticas de austeridade e neoliberalizantes dos últimos quarenta anos. Segundo Harvey (2008), o neoliberalismo é uma teoria das práticas político-econômicas que considera que o bem-estar humano pode ser alcançado por meio das liberdades e das capacidades empreendedoras dos indivíduos. Ao Estado apenas caberia liberar essas capacidades e criar uma estrutura institucional e jurídica para garantir o direito à propriedade privada, o livre mercado e o livre-comércio. Harvey (2008) acrescenta que, sobretudo, caberia ao Estado as funções de defesa, militar e de polícia para garantir as liberdades de mercado.

Figura 2 – Entregadores e plataformas digitais na pandemia, São Paulo (20/03/2021). Legenda: Entregadores vinculados às plataformas digitais e/ou autônomos garantem a circulação de mercadorias e a efetivação do comércio no primeiro sábado após o decreto de fase emergencial no estado de São Paulo.
Fonte: foto tirada por Silvana Cristina da Silva (2021).

Nos anos 1990 e início dos anos 2000, especialmente no governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), houve a efetivação de um grande programa de privatizações, com destaque para a venda do setor elétrico brasileiro, das telecomunicações e das companhias siderúrgicas e de parte da rede bancária. A agenda neoliberal e privatizante foi retomada em 2016, quando ocorreu o impeachment da então presidente Dilma Rousseff (2011-2016), do Partido dos Trabalhadores (PT). Houve a aprovação da lei conhecida como “Lei do Teto dos Gastos Públicos”, que congelou por vinte anos o orçamento público, e a instituição de um novo regime fiscal em 2016, no governo de Michel Temer (2016-2018), do Partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB)⁶. Trata-se de um regime austero de congelamento que ataca os serviços públicos, especialmente de atendimento à população. Também houve a aprovação da flexibilização das Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) em 2017, em que houve perdas de direitos dos trabalhadores ao abrir a possibilidade de negociação entre os patrões e empregados, além de outras modificações⁷. A reforma da previdência social é mais uma das reformas radicais que retirou direitos dos trabalhadores e trabalhadoras ao ampliar o tempo de contribuição e a idade mínima para a aposentadoria, aprovada em 2019, pelo governo do presidente Jair Bolsonaro (2019-atual, sem partido)⁸. Assim, a reforma trabalhista institui a precarização na forma da lei, e a reforma previdenciária torna quase inacessível o direito à aposentadoria para grande parte da população diante da estrutura da economia urbana brasileira.

As medidas de isolamento social desencadeadas pela crise sanitária do novo coronavírus tiveram repercussões limitadas em razão de a maioria da população brasileira depender de trabalhos intermitentes e precários, ou seja, de trabalhos gerados no *circuito inferior da economia urbana* (SANTOS, 2002)⁹. Não trabalhar significa para uma parte da população não ter meios de subsistência. Conforme aponta Boaventura de Sousa Santos (2020), isso é parte da cruel pedagogia do vírus.

Como aponta Santos (2020), mulheres cujas profissões se relacionam com o cuidar (enfermeiras, trabalhadoras do lar, domésticas, diaristas, cuidadoras) foram as primeiras a serem afetadas. Nesse sentido, é emblemático que a primeira morte por Covid-19 no Brasil tenha sido de uma empregada doméstica, moradora de um município vizinho à cidade do Rio de Janeiro, trabalhadora de uma residência no Leblon, que foi contaminada na casa da patroa recém-chegada de uma viagem à Itália, área foco da doença¹⁰. Os trabalhadores precários, denominados informais, não podem deixar de trabalhar (Figura 3), e, segundo, dados do IBGE, no Brasil quase 50% da população economicamente ativa está

⁶ Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm. Acesso em: 15 mar. 2021.

⁷ Lei Federal nº 13.467, de 13 de julho de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm. Acesso em: 15 mar. 2021.

⁸ Emenda Constitucional nº 103, de 12 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm. Acesso em: 15 mar. 2021.

⁹ O circuito inferior compreende as formas utilizadas pela população pobre (economicamente) de gerar renda a partir de atividades de organização simples, que dependem de mão de obra intensiva e pouco (ou nenhum) capital. O circuito superior revela-se pela atuação das grandes empresas com uso de capital intensivo, tecnologias inovadoras e organização do trabalho rígida. Esses dois circuitos formam o subsistema urbano nos países periféricos. O primeiro estabelece relações de dependência, complementaridade ou mesmo concorrência com relação ao segundo. Contudo, ambos os circuitos são parte de um único sistema econômico urbano, em que não se cabe dualismo.

¹⁰ Informações disponíveis em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>. Acesso em: 25 mar. 2020.

Figura 3 – Vendedores de panos de limpeza em um semáforo em São Paulo (20/03/2021). Legenda: Nos semáforos de grande parte das cidades, multiplicam-se vendedores/as de panos, guardanapos, balas e toda sorte de objetos. Trata-se de trabalhadores/as do circuito inferior da economia urbana, que têm sua situação agravada com a pandemia. Fonte: foto tirada por Silvana Cristina da Silva (2021).

desempregada ou vive de atividades intermitentes e informais (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020). Esse número piorou com a persistência da pandemia por um ano e sem perspectivas de mudanças no quadro no horizonte próximo. A falta de saneamento e a superdensidade demográfica de habitações em favelas e bairros populares, além da necessidade de transporte público coletivo, acabam implicando a disseminação do vírus. Tais problemas antecedem à pandemia e foram profundamente agravados com ela (SANTOS, 2020).

Outro elemento que evidencia o meio geográfico como fator sinérgico com a pandemia é o transporte. Como já mostramos, as cidades brasileiras concretizam no espaço urbano as desigualdades e o processo de periferização de parte das classes trabalhadoras, especialmente de baixa renda e que trabalham no circuito inferior da economia urbana. São essas classes sociais as mais afetadas pela pandemia, uma vez que o uso do transporte público se tornou um fator de risco do contágio, além da preponderância de os grupos mais atingidos serem os trabalhadores “autônomos” e informais, mulheres e negros (LACERDA, 2020)¹¹.

A distribuição dos equipamentos coletivos de saúde, como hospitais, postos de saúde, número de médicos, enfermeiros, bem como a disponibilidade de leitos, é outro aspecto da tecnoesfera do espaço geográfico reveladora da neoliberalização do espaço e das desigualdades territoriais. No que concerne às UTIs, equipamento de

¹¹ Vide a pesquisa da UNIFESP, coordenada pelo professor Kazuo Nakano, relatada na reportagem LACERDA, N. Covid mata mais entre trabalhadores que dependem do transporte coletivo. Brasil de Fato, São Paulo, 18 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/18/covid-mata-mais-entre-trabalhadores-que-dependem-do-transporte-coletivo>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

saúde emblemático para a pandemia da Covid-19, as metrópoles e as grandes cidades, em geral, têm a maior disponibilidade de leitos, enquanto as cidades pequenas são as que menos possuem disponibilidades de leitos, pela própria organização do Sistema Único de Saúde (SUS), que corresponde à rede e hierarquia urbanas. Isso implicou o atendimento aos infectados em estado grave. Desse modo, evidencia-se a cidadania como um elemento territorial, analisada aqui pela disponibilidade dos equipamentos de saúde para atendimento da Covid-19.

Segundo Guimarães (2020), “[...] apenas 421 dos mais de 5.570 municípios contavam com a estrutura necessária para atender pacientes graves em meio à pandemia. E a maior parte deles está localizada nas capitais e regiões metropolitanas”¹². Além disso, há enormes desigualdades na distribuição dos leitos de UTIs entre o sistema público e o sistema privado. O primeiro conta com 13,6 leitos para cada 100 mil habitantes, enquanto o segundo, 62,6 para cada 100 mil habitantes – vale destacar que cerca de 25% da população tem plano de saúde privado. A situação do SUS, além das insuficiências históricas pela falta de recursos e cortes orçamentários, foi afetada pelas políticas neoliberais, que preconizam a retirada do Estado, inclusive das atividades essenciais, cedendo-as ao setor privado. Assim, o neoliberalismo contribuiu para a crise sanitária. No entanto, a fabricação dos consensos com relação à defesa dos modelos de planejamento e gestão públicos neoliberais passa pela disputa da esfera dos espíritos.

Por isso, adicionamos à interação sinérgica geográfica da pandemia a psicoesfera, a qual é orientadora dos comportamentos e das sociabilidades que interagem e engendram o meio geográfico. O neoliberalismo como racionalidade política preconiza a liberdade individual acima de tudo, a competição como princípio de vida e o empreendedorismo como ação individual para atingir o sucesso (DARDOT; LAVAL, 2016). Deste modo, o neoliberalismo não é apenas uma doutrina econômica que defende o livre mercado e a não intervenção do Estado na economia. Para os autores, trata-se de uma racionalidade que foi introjetada na sociedade, buscando que os indivíduos ajam e atuem como se fossem empresas sob o fundamento do empreendedorismo de massa. Então, para Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo.

A adoção do confinamento, as medidas de distanciamento mínimo em comércios, a obrigatoriedade do uso de máscaras, as proibições do uso de áreas comuns dos condomínios, entre outras regras, vêm evidenciando um choque nas sociabilidades urbanas estabelecidas. Estas dizem respeito às *interações recíprocas entre os indivíduos*, uma rede empírica de relações humanas operativas em um dado tempo e espaço, e formas abstratas relacionais das quais os indivíduos fazem parte, formando a sociedade. As “sociações” foram o núcleo básico do complexo de indivíduos socializados, conforme afirma Frúgoli (2007), apoiando-se em Simmel (1987). À medida que foram demandadas mudanças da maneira de interagir entre os indivíduos para conter a pandemia, houve um confronto com as sociabilidades urbanas estabelecidas, inclusive acrescidas das sociabilidades digitais, em especial aquelas redes difusoras de *fake news*, negacionistas da existência da pandemia ou minimizadora dos danos que ela poderia causar aos infectados e ao país. Portanto, a psicoesfera neoliberal corroborou para que as redes negacionistas ganhassem vida.

¹² GUIMARÃES, C. Especialistas analisam a disponibilidade de leitos no país e discutem possibilidades. Fiocruz. 08 mai. 2020. Especial COVID-19. Disponível em <<https://portal.fiocruz.br/noticia/especialistas-analisam-disponibilidade-de-leitos-no-pais-e-discutem-possibilidades>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

A psicosfera é elemento central para o combate à pandemia. Se as pessoas foram convencidas de que não há o que ser feito e não tomam providências com relação aos gestos de barreira, os sistemas técnicos mais avançados de atendimento não serão suficientes. Por isso, a camada psicossocial faz parte da construção do meio geográfico, cujas cidades são as sínteses do nosso modo de vida no atual período.

Meio geográfico e psicosfera: da pandemia à sindemia global da Covid-19

As preocupações do campo geográfico com relação à difusão de doenças não são recentes. A tecnificação do meio geográfico implicou um modo de vida racionalizado. As doenças, epidemias, endemias e pandemias mantêm uma relação orgânica com o meio geográfico. Assim, a psicosfera faz parte do processo pandêmico e está articulada com a sindemia global da Covid-19.

Sobre a relação entre o meio geográfico e o avanço das doenças, interessa-nos, especialmente, a abordagem de Monbeig (1998), em seu livro *Pioneiros e Fazendeiros do Estado de São Paulo*, em que o autor apresenta e analisa a história da “Marcha para Oeste”, interiorização do território brasileiro. Ele dedica um capítulo para falar da “situação sanitária do mundo pioneiro”, definido como sendo “as moléstias ligadas aos gêneros de vida”. Nas palavras de Monbeig (1998, p. 327): “O que nos interessa não é tanto a ação ecológica dos pioneiros, mas o reconhecimento da estreita relação que os seus modos de vida têm com as afecções que os atacam”, ou seja, doença e saúde caminham juntas com evolução do meio geográfico. À medida que a ocupação do interior de São Paulo foi ocorrendo, com desmatamento das florestas, ocupação dos vales pelo gado, instalação de cidades seguindo a linha dos trilhos, as doenças da “Marcha para o Oeste” foram se instalando.

Entre as doenças endêmicas, Monbeig (1998) destaca as decorrentes da derrubada das florestas: a febre amarela, registrada em 1935 na franja de ocupação, tornando-se uma epidemia nos anos seguintes e devastando o estado de São Paulo; a leishmaniose, denominada flebotomíneo e propagada pelo mosquito-palha, que também se tornou uma doença da franja pioneira. O autor destaca ainda outras *moléstias*, como a ancilostomose (amarelão), que causa anemia e tracoma, e afecções de origem alimentar e associadas à pobreza.

Horácio de Sousa (2014), em obra comemorativa ao centenário de Campos dos Goytacazes, traz um capítulo para falar das epidemias, destacando que a cidade era “pestilenta”: “tendo muitas endemias, certamente causadas pelos vários pântanos lagôas, enxarcamento, ausência de canalização das águas servidas e esgoto para as materiais fecaes, pois tudo ia para as baixadas do Rocio, da Bacia e para o rio, infeccionando aqueles logares” (SOUSA, 2014, p. 361) ¹³.

O autor ressalta, primeiramente, a “Grande Epidemia de 1855, Cólera Morbus” (eclouiu em Paris em 1832, com mortalidade de 50%, de forma rápida e degradante). Foram tomadas algumas medidas, como fechamento dos templos, mas houve problemas de abastecimento, sendo os mais afetados os escravizados. A cólera fez cerca de 2.330 vítimas em 1855 e quase 1.000 mortes (a maior parte de escravizados). Depois, o autor aponta a

¹³ Foi mantida a grafia original.

febre amarela, que assombrou a cidade em 1850, durou até julho de 1851 e reapareceu em 1857. Além disso, Sousa (2014) relata as *febres reinantes*, denominadas também *febres da quadra*, que eram comuns e atacavam sempre entre março-abril; as epidemias de varíola, que acometeram a cidade em vários anos (1838, 1862, 1863, 1865, 1866, 1867, 1872, 1873, 1879 e seguiu nos anos seguintes); a peste bubônica (primeiro caso registrado em 1895).

De fato, o que se coloca é que as epidemias são historicamente datadas e se inscrevem geograficamente. Já o meio geográfico é entendido como híbrido dos sistemas de objetos técnicos e naturais e de ação humana (SANTOS, 2002); logo, constitui parte do contexto da disseminação das epidemias e pandemias.

Assim, chegamos a um elemento central da análise que implicou o desencadeamento da pandemia da Covid-19: o vírus nasce como um problema integrado ao meio geográfico, isto é, engendrado pelo nosso modo de vida. É um vírus da globalização e da sociedade capitalista moderna, cujo meio geográfico tem papel ativo.

Há elementos relevantes que se combinam com a própria ecologia das doenças, com a existência de fatores sinérgicos que potencializam as forças das epidemias e atingem grupos sociais distintamente: trata-se das sindemias, já teorizadas por Singer e Clair (2003). Para os autores, a sindemia define-se pela interação sinérgica de doenças coexistentes, fatores biológicos e fatores ambientais, que podem piorar doenças nas populações, isto é, a sindemia diz respeito ao entrelaçamento de doenças infecciosas com as condições sociais e biopsicológicas resultantes de disparidades e violência estrutural. Logo, uma compreensão sindêmica da doença refere-se:

[...] a uma estrutura conceitual para a compreensão das doenças ou condições de saúde que surgem nas populações e que são agravadas pela situação social, econômica, ambiental, política em que uma população está imersa. Uma sindemia, ou epidemia sinérgica, é mais do que um jogo de palavras ou um sinônimo para comorbidades. A característica distintiva de uma sindemia é a presença de dois ou mais estados de doença que interagem adversamente uns aos outros, afetando negativamente e mutuamente o curso da trajetória de cada doença. O que provoca o aumento da vulnerabilidade, que são mais deletérias quando experimentadas iniquidades [...]. Talvez a característica mais exclusiva da sindemia seria a abordagem para compreender vários estados de doença e a forma como eles se agrupam com ênfase em situações circunstanciais em que os indivíduos vivem. Em outras palavras, os fatores sindêmicos dependem fundamentalmente do contexto. Quando usado na década de 1990 pelo médico antropólogo Merrill Singer, a noção de sindemia foi usada para descrever as interações entre o abuso de substâncias, violência e AIDS (SAVA)¹⁴, que se tornou uma verdadeira crise de saúde em Hartford, CT, EUA. Enquanto investigavam a prevenção do HIV em usuários de drogas, pesquisadores observaram uma constelação de elementos que afetavam o risco, fatores estruturais como falta de habitação e pobreza, e aspectos sociais, como estigma e falta de sistemas de apoio – todos reforçando a carga de doenças (LANCET, 2017, p. 881)¹⁵.

Singer e Clair (2003, p. 424) destacam que “o conceito de sindemia pode começar com uma avaliação de sua expressão em níveis populacional, biológico e contexto social”. A pandemia do coronavírus tem evidenciado os fatores sinérgicos entre as várias doenças que afetam as condições do infectado e também as taxas de letalidade. Doenças preexistentes, ou as denominadas comorbidades, interagem sinérgicamente com o

¹⁴ Acrônimo para substâncias abusivas, violência e AIDS, em inglês.

¹⁵ Tradução livre.

vírus e agravam o estado do infectado, como o quadro de diabetes, obesidade, pressão alta e doenças cardiovasculares, entre outros fatores de risco (por exemplo, a idade). No entanto, o contexto social, analisado aqui como meio geográfico, é relevante para o desencadeamento da doença e sua difusão em determinados grupos sociais e lugares. Daí partilhamos da ideia de que estamos vivendo uma sindemia global do coronavírus, uma vez que a Covid-19 está relacionada a diversos fatores sinérgicos que potencializam as epidemias já existentes, como má alimentação, desnutrição e mudanças climáticas (HORTON, 2020). Portanto, um dos fatores sinérgicos é o meio geográfico.

Expliquemos: entendemos o espaço geográfico como um conjunto indissociável de objetos (artificiais e naturais) e ações, um híbrido de formas e ações. Estas últimas dizem respeito às normas (regras, normas jurídicas e normas sociais), moral pública e privada, visões de mundo e da política que agem sob uma cultura. A ação tem como fonte um sistema consciente e racional, combinado com um sistema psíquico inconsciente, construído pelo processo de *individação e transindividação*. Esses processos vêm sendo direcionados pelo capital para *proletarizar o espírito* dos trabalhadores, e não apenas o corpo (STIEGLER, 2008)¹⁶. Esse aparelho psíquico é analisado aqui por meio da psicoesfera, ou seja, a esfera “das crenças, desejos, vontades e hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticos, as relações interpessoais e a comunhão com o Universo” (SANTOS, 1992, p. 3). O par dialético tecnoesfera e psicoesfera expressa o espaço geográfico contemporâneo, denominado por Santos (2002) como meio técnico-científico-informacional, a cara geográfica do processo de globalização.

Esse meio geográfico é gerador de uma geografia das redes de transporte e comunicação. Instituída sob a égide do mercado, ela impôs a aceleração dos fluxos materiais e imateriais. Logo, os espaços da economia global foram os inicialmente mais afetados e tornaram-se centros irradiadores do vírus. Nova Iorque (Estados Unidos), Paris (França) e Londres (Inglaterra), *ciudades globais* (SASSEN, 2001), passaram a ser rapidamente centros de transmissão e concentração do número de óbitos pela doença, assim como Bergamo (Itália) e Wuhan (China), centros industriais da economia globalizada, foram epicentros da pandemia. A globalização é um fator sinérgico que tornou alguns lugares mais susceptíveis que outros à doença, uma vez que a densidade da geografia das redes é um elemento da transmissão comunitária. Trata-se, portanto, de um dado advindo da tecnoesfera do meio geográfico contemporâneo.

Com o individualismo exacerbado preconizado pela psicoesfera neoliberal e a retirada do Estado de suas funções, temos resultados catastróficos na formação socioespacial brasileira. O governo brasileiro, ao não agir politicamente para garantir o confinamento e o isolamento social, além de desestimular o uso de máscaras e promover aglomerações e aligeirar a situação de pandemia¹⁷, teve e tem tido um elemento sinérgico amplificador da pandemia. Outrossim, os ventos negacionistas do vírus e das práticas de barreiras do contágio tornam-se um obstáculo ao combate à pandemia, igualmente promovidos pelo atual presidente da República e equipe governista, em especial o Ministério da Saúde.

¹⁶ Para Stiegler (2008), a proletarização do espírito é a produção em massa de uma “sociedade do controle” com a instituição do *psicopoder*, que é o controle pelo capital do processo de individuação (formação do aparelho psíquico dos indivíduos) e transindividuação (estabilização do aparelho psíquico de individuação coletiva, desenvolvida por meio da socialização). Em outras palavras, é o controle sistêmico e automatizado da economia dos desejos dos sujeitos.

¹⁷ O site Aos Fatos sistematizou as sequências de declarações do atual presidente, checando a veracidade delas e como elas foram repetidas. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro>. Acesso em: 23 mar. 2021.

Tais ações têm influenciado enormemente famílias, jovens e grupos sociais. Muitos têm morrido por negarem a doença ou tomarem remédios sem comprovação científica. Há vários casos noticiados sobre as mortes ocasionadas pelo negacionismo, como da influenciadora digital Ygona Moura¹⁸ e o deputado estadual do Mato Grosso, Sílvio Antônio Fávero, do Partido Social Liberal (PSL), que apresentou um projeto de lei contra a obrigatoriedade da vacina, sob justificativa do direito de escolha do cidadão¹⁹.

O comportamento de risco tem sido sugerido pela difusão de mensagens e vídeos, especialmente nas plataformas digitais Youtube, Facebook, Twitter e WhatsApp por líderes políticos, religiosos²⁰ e médicos²¹, com efeitos desastrosos para a população em geral.

Com relação aos médicos, a legitimidade deles como portadores do conhecimento científico e do *poder simbólico* que possuem na sociedade brasileira transforma as informações falsas disseminadas em verdades absolutas e inquestionáveis. A própria omissão do Conselho Federal de Medicina (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 2020)²² sobre o tratamento precoce com o uso de medicamentos que não foram comprovados cientificamente, conhecido como “Kit Covid”, que incluem, com o aval do Ministério da Saúde, cloroquina e sua derivada hidroxicloroquina, azitromicina, ivermectina e anticoagulantes, legítima ainda mais as *fake news*. Os dois primeiros medicamentos foram objeto do parecer do CFM, que deixou a critério do médico e do paciente a decisão, reafirmando que os médicos que utilizarem os referidos medicamentos não estariam cometendo infração ética²³. O poder de convencimento das *fake news* levou Posetti e Bontcheva (2020), em relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), a falar em pandemia da desinformação (*disinfodemic*) – uma desinformação massiva em torno da pandemia da Covid-19²⁴.

Além disso, tem sido comum o apelo à religião como única salvação, expressando pouca crítica à condição de alguns países estarem mais expostos à doença e à maior letalidade e desresponsabilizando autoridades e líderes políticos pelo contexto de crise sanitária. Assim, a descrença na existência da pandemia, o uso de medicamentos não comprovados cientificamente e o comportamento de risco (sem máscaras, aglomerações, tratamento

¹⁸ Portal de notícias do G1. Influencer Ygona Moura morre após diagnóstico de Covid-19. 28 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/01/28/influencer-ygona-moura-morre-apos-diagnostico-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2021.

¹⁹ Portal de notícias UOL. Morre deputado de MT autor de lei contra a obrigatoriedade da vacina. 13 mar. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/03/13/deputado-estadual-silvio-favero-morte-covid-19.htm>. Acesso em: 29 mar. 2021.

²⁰ Podemos exemplificar a lei municipal do município de Campos dos Goytacazes, que tornou as atividades religiosas essenciais mesmo em situação de lockdown na cidade. O projeto de lei foi proposto por um vereador ligado à Igreja Universal do Reino de Deus. Maiores informações, consultar: TRINIDADE, O. Entre a lei e o bom senso: religiosos e cientistas questionam igrejas abertas na pandemia. *Jornal Terceira Via*, 28 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.jornalterceiravia.com.br/2021/03/28/entre-a-lei-e-o-bom-senso-religiosos-e-cientistas-questionam-igrejas-abertas-na-pandemia/>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

²¹ *Ciência Contaminada – Analisando o contágio de desinformação sobre coronavírus no Youtube*, de Caio C. Vieira Machado, Daniel Dourado, João Guilherme Santos e Nina Santos. Disponível em: <https://inctdd.org/relatorio-analisa-desinformacao-sobre-coronavirus-no-youtube/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

²² Reportagem do *Jornal Nexo*. 12 mar. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/03/12/Como-a-medicina-lida-com-a-covid-19-ap%C3%B3s-um-ano-de-pandemia>. Acesso em: 23 mar. 2021.

²³ Para consultar o Parecer CFM nº 4/2020, acesse: <https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/pareceres/BR/2020/4>.

²⁴ POSETTI Julie; BONTCHEVA, Kalina. *Desinfodemic. Deciphering COVID-19 disinformation*. Paris: UNESCO, 2020. Disponível em: https://en.unesco.org/sites/default/files/disinfodemic_deciphering_covid19_disinformation.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021.

precoce, remédios caseiros), que não está reduzido às classes sociais menos favorecidas economicamente, têm sido comuns.

Em resumo: a psicoesfera fabricou ações que têm tornando a pandemia difícil de ser combatida no Brasil. Logo, os sistemas de crenças, afetos e vontades são elementos sinérgicos inescapáveis para compreensão da difusão do coronavírus. Por sua vez, o meio geográfico contém fatores sinérgicos que podem se manifestar em vários níveis e compor a sindemia global da Covid-19, e as camadas das sociabilidades conectam-se com a tecnoesfera e a psicoesfera – esta última é diretiva dos comportamentos. Portanto, o controle da pandemia passa pela construção de uma nova ordem societária que supere a psicoesfera neoliberal e os negacionismos.

Considerações finais

Buscamos evidenciar como o meio geográfico é um fator que participou ativamente no desencadeamento e difusão da pandemia da Covid-19. Nesse sentido, consideramos que o coronavírus compõe uma sindemia global ao conter elementos sinérgicos que pioram epidemias já existentes, e o meio geográfico seria parte desse processo. Dessa forma, recuperamos três questões importantes da análise geográfica, em nossa perspectiva, que contribuem para a compreensão das conexões entre o meio geográfico, a urbanização e a sindemia da Covid-19.

A primeira questão diz respeito ao espaço geográfico como papel ativo na produção da sindemia global da Covid-19. O espaço geográfico é parte do contexto sinérgico da pandemia, uma vez que é uma instância social e se concretiza em meios geográficos. O período da globalização tem como concreção o meio técnico-científico-informacional, um híbrido entre formas e ações, cujos elementos-chave são a técnica, a ciência e a informação. Isso significa um meio geográfico onde formas naturais e técnicas se misturam impondo uma nova forma de vida.

A segunda questão analisada, derivada da primeira, é o fato de que o meio técnico-científico-informacional apresenta uma tecnoesfera (cristalização de ações), cujo papel foi ativo na difusão do coronavírus, pois a geografia das redes de transportes revela o imperativo da fluidez e a unificação dos sistemas técnicos para fins de circulação de mercadorias e pessoas. Isso decorre de uma profunda metamorfose do meio geográfico e mudanças dos ecossistemas e, ao mesmo tempo, implica a velocidade da difusão do vírus. Quanto mais densa a rede de transportes, maiores as chances de se tornarem epicentros da doença. A comunicação que amplifica as notícias falsas e redes negacionistas é a outra face da tecnoesfera, que promove a pandemia da desinformação.

O terceiro aspecto, que também decorre do primeiro e foi o principal objetivo deste texto, é evidenciar que a psicoesfera age sinérgicamente para a expansão ou o controle do vírus, pois os sistemas de crenças, desejos e afetos compõem a recepção da informação científica. O que observamos é que não se trata de uma questão menor no controle da pandemia, visto que a negação da pandemia e o comportamento de risco, como a participação de aglomerações e o não uso de máscara, agravaram a difusão do vírus. Além disso, parte dos infectados assumiu o uso de medicamentos não comprovados cientificamente, incluindo médicos que distribuem os receituários. Outrossim, os comportamentos e a atuação de líderes políticos e religiosos têm também rebatimentos

importantes para a espraiação do vírus, ao serem produtores ou distribuidores de *fake news*, especialmente de descrédito na vacina. A psicosfera neoliberal, que coloca a liberdade individual acima de tudo, preparou o ambiente psicossocial ao negacionismo.

Para concluir, além dos avanços científicos em direção ao tratamento dos pacientes infectados e da busca de vacinas para a prevenção, é preciso ainda fortes investimentos na entronização de comportamentos e um sistema de crenças que leve em consideração a proteção dos cidadãos e cidadãs. Muitas pesquisas ainda precisam ser realizadas para termos a dimensão de como a psicosfera agiu como elemento sinérgico e condutor dos comportamentos de risco e que coadunou no agravamento da crise sanitária. Por isso, é necessária uma outra psicosfera para a construção de um outro meio geográfico, mais afeito à solidariedade coletiva e às sociabilidades.

Referências bibliográficas

- CALDEIRA, T.P. R. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34-Edusp, 2000.
- CARVALHO, D. Evolução da geografia humana. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 33, p. 1163-1172, 1945.
- CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS – CFN. A sindemia global da obesidade, desnutrição e mudanças climáticas - Relatório da Comissão *The Lancet*. 2019. Disponível em: <https://alimentandopoliticas.org.br/wp-content/uploads/2019/08/idec-the_lancet-sumario_executivo-baixa.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- FRÚGOLI, H. Jr. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2007. Coleção Passo-a-Passo.
- GEORGE, P. **La ville. Le fait urbain a travers le monde**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- HARVEY, D. **Neoliberalismo**: histórias e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- HORTON, R. Offline: COVID-19 is not a pandemic. **Lancet**, Vol. 396 September 26, 2020. Disponível em <[https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736\(2020\)2932000-6](https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736(2020)2932000-6)>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- KAHIL, S. P. Psicosfera: A modernidade perversa. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 11, p. 217-220, 1997.
- KAHIL, S. P. Psicosfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. **Sociedade & Natureza**, v. 22, n. 3, p. 475-485, 2010.
- KOWARICK, L. **Espoliação Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LANCET. Syndemics: health in context. **Lancet**, London, v. 389, p. 881, 2017. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(17\)30640-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(17)30640-2).
- LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999 [1970].
- MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Polis, 1998.
- POSETTI, J.; BONTCHEVA, K. Desinfodemic. Deciphering COVID-19 disinformation. Paris, France: United Nations Education, Scientific, Cultural Organization. Multi-Donor Programme on Freedom of Expression and Safety of Journalists, 2020. Disponível em: <https://en.unesco.org/sites/default/files/desinfodemic_deciphering_covid19_disinformation.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- SANTOS, B. S. **A Cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Amedina, 2020.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.
- SANTOS, M. Aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: CONFERÊNCIA POR OCASIÃO DO ENCONTRO INTERNACIONAL “O NOVO MAPA DO MUNDO”, 1992, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 1992.
- SANTOS, M. **As Cidades nos Países Subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

- SANTOS, M. O meio técnico-científico e a urbanização no Brasil. **Espaço & Debates**, São Paulo, n. 25, p. 58-62, 1988.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTOS, M. **Urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp, 2003.
- SASSEN, S. *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- SENNETT, R. **Construir e habitar: Ética para uma cidade aberta**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro. Ed. Gaunabara, 1987. p. 11-25.
- SINGER, M.; CLAIR, S. Syndemics and public health: reconceptualizing disease in bio-social context. **Medical Anthropology Quarterly**, v. 17, n. 4, p. 423-441, 2003. <http://dx.doi.org/10.1525/maq.2003.17.4.423>.
- SOSA, H. **Cyclo Aureo: História do 1º Centenário de Campos - Memórias Fluminenses**. vol. 1. Campos dos Goytacazes: Essentia Editora IFFluminense, 2014.
- SPOSITO, M. E. B.; GOÊS, E. M. **Espaços Fechados e Cidades: Insegurança urbana e fragmentação social**. São Paulo: Unesp, 2013.
- STIEGLER, B. **Du psychopouvoir à la noopolitique**. Concourslibre's Blog. **Anais...** In: CONFÉRENCE PRONONCÉE DANS LE CADRE DU SÉMINAIRE TROUVER DE NOUVELLES ARMES - POUR UNE POLÉMOLOGIE DE L'ESPRIT. France: Ars Industrialis, 2008. Disponível em: <<https://concourslibre.wordpress.com/2011/01/12/conference-de-b-stiegler-du-psychopouvoir-a-la-noopolitique/>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

Sites e jornais consultados

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Disponível em: <<https://www.paho.org/bra/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA – CFM. Parecer CFM nº 4/2020. Considerar o uso da cloroquina e hidroxiclороquina, em condições excepcionais, para o tratamento da COVID-19. **Conselho Federal de Medicina**, 16 abr. 2020. Disponível em: <<https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/pareceres/BR/2020/4>>
- GUIMARÃES, C. Especialistas analisam a disponibilidade de leitos no país e discutem possibilidades. **Fiocruz**. 08 mai. 2020. Especial COVID-19. Disponível em <<https://portal.fiocruz.br/noticia/especialistas-analisam-disponibilidade-de-leitos-no-pais-e-discutem-possibilidades>>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- LACERDA, N. Covid mata mais entre trabalhadores que dependem do transporte coletivo. **Brasil de Fato**, São Paulo, 18 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/18/covid-mata-mais-entre-trabalhadores-que-dependem-do-transporte-coletivo>>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- TRINIDADE, O. Entre a lei e o bom senso: religiosos e cientistas questionam igrejas abertas na pandemia. **Jornal Terceira Via**, 28 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.jornalterceiravia.com.br/2021/03/28/entre-a-lei-e-o-bom-senso-religiosos-e-cientistas-questionam-igrejas-abertas-na-pandemia/>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

SOBRE OS AUTORES

Silvana Cristina da Silva. Graduada, mestre e doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-doutora em Sociologia pela École Normale Supérieure, de Paris. Professora e pesquisadora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Campos dos Goytacazes. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Território e Cidades (TeCidades).

Gabrielle Lorena Gomes da Silva. Graduanda do curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Campos dos Goytacazes. Bolsista do Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão intitulado “Espaço urbano e a pandemia da COVID-19: conflitos e mudanças das sociabilidades urbanas”, Edital PROPPI - PROGRAD - PROEX Nº 04/2020/UFF 2020. Membro do Grupo de Pesquisa Território e Cidades (TeCidades).

Jenyffer Vidal Oliveira. Graduada em Geografia pelo Instituto Federal Fluminense (IFF), em Campos dos Goytacazes. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Campos dos Goytacazes. Bolsista do Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão intitulado “Espaço urbano e a pandemia da COVID-19: conflitos e mudanças das sociabilidades urbanas”, Edital PROPPI - PROGRAD - PROEX Nº 04/2020/UFF 2020. Membro do Grupo de Pesquisa Território e Cidades (TeCidades).

Renata Hilel Ribeiro. Graduada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Campos dos Goytacazes. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, em Campos dos Goytacazes. Bolsista do Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão intitulado “Espaço urbano e a pandemia da COVID-19: conflitos e mudanças das sociabilidades urbanas”, Edital PROPPI - PROGRAD - PROEX Nº 04/2020/UFF 2020. Membro do Grupo de Pesquisa Território e Cidades (TeCidades).